

O pesquisador, o objeto e a experimentação: a produção do conhecimento in-mundo

Ana Lúcia Abrahão
Maria Paula Cerqueira Gomes
Magda de Souza Chagas
Maria Amélia Costa
Nereida Lúcia Palko dos Santos
Mary Ann Menezes Freire
Leila Vianna
Patrícia Albuquerque
Monica Rocha
Simone Mendes Carvalho

Introdução

A construção do Sistema Único de Saúde (SUS) tem sido marcada pelo esforço de coletivos de trabalhadores, que imprimem sua própria e singular forma de agir, e sobretudo de significar o sistema, em um movimento permanente da trama política e prática no campo da saúde. Uma intensa atividade resultante da articulação de trabalhadores, usuários e gestores na dinâmica de um conjunto de Instituições que tem uma enorme potência de se produzir continuamente com novos arranjos, experimentações na produção do cuidado. Instituições, como um conceito que não designa elementos sólidos, concretos, mas como as forças que atuam na constituição dos arranjos, negociações, decisões, pactos que sustentam territórios de interesse e se estabelecem sobre as forças instituídas e instituintes. Referimo-nos aqui à força instituinte como aquela que provoca o instituído, aquilo que desloca o que está posto. Como instituído compreendemos o estabelecido, de caráter fixo, solidificado, centrado em pilares sólidos de certezas. As duas forças encontram-se em constante movimento de construção e desconstrução, no processo de produção de um sistema de saúde universal.

Nesta dinâmica, do instituído e instituinte, os cenários das práticas e ideias presentes em uma Instituição ganham expressão no meio social, conformam arranjos que produzem espaços de comodidade, mas que também nos provoca a sair da “zona de conforto”, nos faz experimentar o diferente, nos lança a territórios desconhecidos, ou, mesmo diante da repetição, cria a possibilidade de fazer diferente.

Diferença em uma política que sustenta a Instituição SUS, em que o instituinte e o instituído encontram-se entrelaçados no movimento das forças micropolíticas e macropolíticas, que no seu desenho produzem novos territórios e por vezes se des-territorializam completamente. Neste movimento, inauguram-se novas propostas de programas, diretrizes e novas práticas no campo da saúde. A política de Redes de Atenção à Saúde (RAS), como tantas outras políticas, não nasceu como algo exclusivamente pensado pelo ou a partir do Ministério da Saúde e sim como fruto de experimentações de profissionais e gestores, justamente na tentativa de construir oferta de

serviço e cuidado que atendessem às necessidades dos usuários, na dinâmica micropolítica, de garantia de acesso, responsabilização e vínculo.

De modo geral a proposta da RAS está inserida em um cenário de fragmentação intensa dos serviços e de suas ações assistenciais, com financiamento público insuficiente, associado a baixa eficiência no emprego dos recursos disponíveis. Como resultado identifica-se a redução da integralidade da atenção em saúde e fragilidade na gestão, como também no campo da formação, com uma qualificação de profissionais desconectada das necessidades de saúde da população. São problemas graves, como a pulverização dos serviços no âmbito municipal e regional.

Nessa conjuntura engendram-se as recentes diretrizes da política nacional da RAS que seguem na direção da construção de um sistema que tenha por base as redes de cuidado e parte do pressuposto de que estas atuam como linhas de produção, acionadas pelos trabalhadores no âmbito do funcionamento cotidiano dos serviços de saúde. A política endereça principalmente os processos de produção formal das redes de atenção, baseando-se em critérios populacionais, regionais, indicadores epidemiológicos e de economia de escala para sua definição.

No entanto, as redes são operadas a partir de processos de trabalho estruturados pelos trabalhadores na sua micropolítica, isto é, a partir de diferentes projetos que se interpõem em um intenso processo produtivo, em redes, em que é operada uma importante capacidade inventiva do trabalhador, o que agrega grande possibilidade de realização ao SUS.

Essa perspectiva de inventividade e criatividade de profissionais e gestores na construção ou constituição das redes de atenção à saúde não ganham visibilidade ou reconhecimento nas políticas e nas pesquisas orientadas por análises do campo macropolítico.

Interessam-nos as experiências em diversas áreas do Sistema Único de Saúde, com foco nas inovações no modo de produção do cuidado e os numerosos casos de usuários que vivenciam formas e modos de cuidado singulares, esse é o mote desta pesquisa nacional, organizada sob o mote de uma rede de avaliação compartilhada (RAC) em que avalia quem pede, quem faz e quem usa. Estudo que demanda estratégias metodológicas diferenciadas na sua condução e produção.

Este investimento, provoca algumas indagações: O que os gestores e os trabalhadores gostariam de avaliar, a partir da sua própria produção? E o usuário? Qual seria o valor atribuído ao cuidado produzido? Independente da resposta, se extrai uma consequência, qual seja, na medida em que os próprios gestores, usuários e trabalhadores se interrogam, o quê, sob o ponto de vista deles, eles avaliariam e analisariam na produção do cuidado em ato. Por outro lado, tais perguntas produzem um deslocamento importante para a própria pesquisa – os gestores, usuários e trabalhadores passam de “sujeitos a serem pesquisados” como variável da avaliação, no sentido mais normativo da produção da pesquisa científica, para sujeitos da investigação, em que o objeto da pesquisa é composto por vários pontos de vista, incluindo aqui a implicação do pesquisador – que trataremos adiante.

Numa pesquisa em que todos perguntam e produzem respostas, faz parte da estratégia metodológica esse deslocamento, essa passagem/produção de participantes

da pesquisa, para pesquisador, na condução de sujeitos epistêmicos. Um trânsito de idas, voltas e dobras na produção do conhecimento.

Neste texto destacamos o exercício e a experimentação das pesquisadoras na constituição micropolítica dos arranjos para uma investigação que convoca mudanças paradigmáticas na construção do conhecimento.

O exercício de pesquisar

Ao tomarmos como objeto de investigação a avaliação da produção do cuidado e não uma avaliação sobre os efeitos do cuidado, ou ainda, avaliação sobre os indicadores epidemiológicos dos impactos do cuidado para as condições de saúde da população, estamos assumindo que o que interessa nesta investigação é o cuidado produzido no encontro que ocorre entre o usuário e o trabalhador da saúde. O que nos remete ao deslocamento do lugar de pesquisador que observa e interpreta para um lugar que é produzido no espaço/tempo do encontro. Encontros que acontecem entre aquele que demanda o cuidado e o trabalhador de saúde nos seus locais de trabalho, e com os gestores em diversos espaços, inclusive nos espaços informais de gestão em que a vida cotidiana acontece.

Pesquisar a produção do cuidado em redes de atenção nos convida à experimentação de modos de investigação que sejam capazes de produzir análise a partir do ato cuidador. Nesta direção, optamos por uma orientação que não aparta sujeito e objeto, mas que implica o pesquisador no seu objeto, convocando-o a experimentar a multiplicidade de mundos e almas, convidando-o para se encharcar de mundos e vidas (ABRAHÃO *et al.*, 2013).

Estas considerações foram as bases de sustentação durante a dinâmica das oficinas do coletivo das pesquisadoras, do nosso grupo loco-regional. O debate travado ao analisar as possibilidades de construção de um estudo neste plano, tornou visível a perspectiva de se realizar uma pesquisa em acontecimento.

No decorrer dos debates, considerar o encontro como nosso principal recurso, e ao mesmo tempo o lugar do sujeito pesquisador na sua dimensão epistêmica, corroborou para a proposta de estudo em que não há separabilidade entre o sujeito pesquisador e o objeto a ser pesquisado, o que significa reconhecer que a investigação se dará em acontecimento, “sempre qualquer coisa que acabou de passar ou que vai se passar, simultaneamente, jamais qualquer coisa que se passa” (DELEUZE, 1969: 79).

A pesquisa então, se efetua em acontecimento, movimento em que vamos nos produzindo nele, mas, ao entrar nesta efetuação, nas palavras de Deleuze (1969) conseguimos produzir contra-efetuação, para não perder o que mais de profícuo possa haver nesta produção. Um duplo movimento que não se revela apenas na descrição do que se passou, mas que construa debates, e que ganhe concretude e outras formas de dizibilidades do acontecimento.

Deste modo, na medida que avançamos na pesquisa como acontecimento, produzimos marcadores para a compreensão de uma metodologia cujo método do estudo é forjado, em ato e nos acontecimentos decorrentes dos encontros, aqui nesse caso, no encontro entre os diferentes pesquisadores.

O que nos remete ao deslocamento do lugar de pesquisador que observa e interpreta, para o encontro. Assim, se assumimos que a consolidação metodológica dessa pesquisa se dá em acontecimento, no ato da própria pesquisa, é importante considerar que teremos que forjar outras ferramentas metodológicas e conceituais para além das já descritas na formulação do projeto. Passamos a considerar que o olhar do outro nesse encontro compõe o território da investigação, e é necessário considerar como abordagem para a pesquisa o perspectivismo. Viveiros de Castro (2002) adota o perspectivismo ameríndio que tem como base reconhecer o lugar do outro e suas formulações/reflexões, não se tratando de buscar a reflexão sobre o outro e sim a reflexão do outro. Aqui está expresso um princípio interessante, em que não é o sujeito que tem o ponto de vista do objeto e sim de que o ponto de vista cria o sujeito, ou ainda que será sujeito quem se encontrar ativado pelo ponto de vista. Deste modo, o estar em linha com o outro deixa claro que todos são sujeitos.

Assumir a provocação do encontro como principal elemento da investigação é horizontalizar as vistas, ativando os sentidos, e se lançar em um processo ativo e intenso de processos de subjetivação, estando e entrando nos mundos em produção. A investigação nessa lógica de construção é composta por vários pontos de vista, incluindo aqui a implicação do pesquisador.

Uma pesquisa em acontecimento que propõe o encontro em uma perspectiva ameríndia para investigar a produção de cuidado em redes de atenção. Uma primeira reflexão disparada do exercício de pesquisar.

A construção do nosso coletivo pesquisador e a fabricação de sua caixa de ferramentas

Desde o início de nossos encontros, em dezembro de 2013, ocupamos parte significativa de nossas agendas em explorar alguns conceitos ferramentas que sustentam as direções de trabalho dessa pesquisa. A nossa aposta foi a de que esse exercício exploratório ativasse a construção do coletivo pesquisador. Partilhamos o entendimento de que esse exercício seria fundamental não só para a expansão dos nossos encontros nos serviços de saúde, uma vez que conectaria todos nós à direção de trabalho ativada a partir de uma pesquisa em acontecimento, mas, também para colocar em trabalho as nossas implicações e sobreimplicações.

Estar sobreimplicado é estar cego aos movimentos do campo, ou seja, tão implicados que podemos não conseguir criar outras sensibilidades para acompanhar os processos. Já que implicados todos nós estamos em um grau ou outro, pois estamos envolvidos com as instituições, as quais estamos inseridos, não se tratando de engajamento e comprometimento. Segundo Moceau (2008), o que nos cabe na realidade é a análise das implicações.

A análise de implicação é necessariamente um trabalho coletivo. Eu não posso analisar minhas implicações sozinho em meu canto. Os dispositivos de análise que construímos são, pois, sempre coletivos e geralmente temos vários analistas

em cada intervenção. Sempre presente no trabalho de análise, podemos distinguir dois tipos de implicações, primárias e secundárias. Para simplificar, podemos dizer que nossas implicações primárias são nossas implicações dentro da própria situação de intervenção e as implicações secundárias são nossas implicações do campo de análise (MONCEAU, p. 22).

A análise das implicações primárias e secundárias acompanharam a investigação como uma construção coletiva, sustentando a contra-efetuação da dinâmica do acontecimento, para não perder o que mais de profícuo pudesse haver nesta produção. Uma produção das várias formas de existir no mundo para além da que estamos habituados nos serviços, criando outras sensibilidades para acompanhar os processos, foi sendo entremeada, na medida que nos deparávamos com as nossas *sobreimplicações*, como afirma Moceau (2008) a dificuldade ou impossibilidade de analisar as implicações, pois estamos tomados de tal forma por nossas implicações que não conseguimos nos deslocar das nossas verdades.

Logo cedo percebemos que estávamos sobreimplicadas e que precisávamos, coletivamente, olhar as marcas de nossas trajetórias profissionais e políticas em nossos corpos, por consequência em nossas formas de olhar e entender os serviços oferecidos nas redes de saúde que estávamos percorrendo e produzindo. Este exercício foi fundamental e atravessou toda a pesquisa.

Esse movimento de olhar as marcas de nossos trabalhos nas redes e em nós e de problematizá-las, possibilitou a abertura de novas frentes de análise não só dos espaços, de estudo que estavam se iniciando com os trabalhadores e usuários, mas também de um olhar sobre cada um que compõe o coletivo e das relações que estabelecemos na produção dos encontros. Olhar novamente o já visto e abrir novas zonas de visibilidade, novas produções de acontecimento e fabricação de diferentes tipos de redes, produzir novos sentidos para esse já visto se tornou um exercício frequente em nossas reuniões.

Foi assim que aos poucos nossa caixa de ferramentas ganhou forma, visibilidade e funcionalidade. Na medida em que tomávamos em análise nossas implicações e sobreimplicações sentíamos a necessidade de conhecer e estudar conceitos capazes de dar sentido as nossas perguntas e inquietações. A cada encontro, a cada debate, a cada ida a campo, narrativas foram produzidas com a intenção de provocar conversa e reflexão tanto do próprio pesquisador como do coletivo-pesquisador.

A Narrativa como ferramenta de alteridade e de produção de conhecimento

Optamos por incluir desde do início da construção do campo e nos nossos debates o exercício da Narrativa, como ferramenta de análise das implicações e elemento de reflexão teórica da nossa constituição de coletivo pesquisador. Uma escrita livre, um registro no papel daquilo que nos passa e nos acontece nos encontros. Os acontecimentos da existência e da experimentação, sendo narrados e atravessados pelo ato da escrita, como um exercício de alteridade. Outro exercício de alteridade foi estarmos no campo de pesquisa sempre na companhia de outro pesquisador, outros

olhos, outras percepções, outros recolhimentos e afecções, que foram processados e registrados em narrativas que podiam ser da dupla ou individuais, o que importava era a afirmação do exercício de alteridade.

O uso da narrativa aqui, não está vinculado à narrativa de história de vida, potente instrumento de pesquisa no campo da história e da sociologia, aqui a nossa perspectiva é a narrativa como uma ferramenta de produzir deslocamentos em nós, provocar com a escrita os sentidos da experimentação e na leitura a análise das nossas implicações e a construção de conhecimento produzidos no encontro.

A escrita e a leitura das narrativas têm se mostrado potentes para observar o uso dos conceitos-ferramentas no ato da pesquisa e ao mesmo tempo registrar de forma intensiva e extensiva os efeitos da produção do cuidado em rede.

O exercício da produção de narrativas de cada pesquisador após as reuniões do grupo loco-regional é uma experiência viva de “alfabetização na língua menor” (DELEUZE, GUATTARI, 2003). Aprendemos a apreender no jogo da linguagem, as linhas dos afetos, a mobilização dos desejos e os saberes circulantes. Nessa alfabetização os pesquisadores experimentam os conceitos “ferramenta” em sua funcionalidade – o conceito serve para tornar visível a “funcionalidade” do fenômeno e não para descrevê-lo subtraindo-o de qualquer acontecimento. Um conceito não explica o fenômeno, mas o coloca na ordem dos acontecimentos e dos agenciamentos do mundo da vida. Aí está a funcionalidade de um conceito quando diante de problemas de um determinado fenômeno. *“Todo conceito remete a um problema, problemas sem os quais não teria sentido, e que só podem ser isolados ou compreendidos na medida de sua solução [...]”* (DELEUZE, GUATTARI, 1982: 27-28).

Essa perspectiva de experimentar os conceitos em sua funcionalidade frente ao fenômeno de investigação é pedra angular no nosso exercício de investigação, e o uso das narrativas foi fundamental. Inicialmente no processo de provocação-convite ao pesquisador a novos encontros com o serviço. Em seguida, para os trabalhadores que se inseriram nessa dinâmica, com as discussões prévias à entrada no campo de pesquisa propriamente dito, para a constituição da nossa caixa de ferramenta conceitual necessária ao trabalho da pesquisa. O que cada pessoa recolhia destes encontros era registrado em forma de narrativa e compartilhado. Este exercitar construir narrativas nos preparava para seu uso como ferramenta de pesquisa. O segundo momento foi o uso da narrativa no campo de pesquisa, em que o próprio registro e a leitura e releitura expressavam alteridade, além do compartilhamento com os demais pesquisadores e as novas provocações. As narrativas foram construídas pelas pesquisadoras possibilitando a elaboração de um dos planos que tomamos nesta pesquisa, pois como nos diz Réne Schérer:

[...] liberar todo pensamento daquilo que o entrava e o deforma. Impulso de liberação, de desembaraçamento, igualmente válido naquilo que chamamos de prática da vida cotidiana ou na política: desembaraçar-se das divisões e regras artificiais, dos poderes, das instituições, dos impedimentos, das representações, das ideias feitas, dos clichês; de tudo que desvia e bloqueia os processos postos em movimento. Desembaraçar-se de tudo o que imobiliza, que sedentariza: palavra-

-refrão. Se há algo, antes de tudo, que aprendemos com ele, que dele guardamos, que é sua marca própria e sua luz, é exatamente esse apelo a reativar sem parar o movimento. (RÉNE SCHÉRER, 2005).

Entrar em contato com as narrativas, tanto as que elaboramos, como as que recebemos oralmente nos relatos e histórias de usuários, profissionais e gestores, nos fizeram trabalhar outros tempos, a reflexão sobre nós mesmos, assim como foi uma oferta silenciosa para cada um autocompreender-se e explicar-se. Ao mesmo tempo uma estratégia de acesso às afecções, às biografias dos participantes, uma ferramenta especialmente potente para quem vive o constante desafio de estar com o outro em situação de fragilidade, que demandam de reconhecimento. O que não chegaria (e nem ofertaríamos) de outra maneira. (CABRAL, 2015; SERPA JÚNIOR *et al.*, 2014; GROSSMAN; CARDOSO, 2006).

Para Walter Benjamin (1987) o ato de narrar é artesanal e envolve dar espaço ao tempo e à escuta. Bastante propício para o que precisamos construir no campo enquanto pesquisadores. Nossas experimentações com o(s) outro(s) ocorreram após longo processo de observação, silêncio e escuta, o que o tempo contemporâneo tem subtraído das pessoas, inclusive nos encontros entre usuários e trabalhadores. O tempo contemporâneo, a urgência, a pressa em resolver e seguir rapidamente para o próximo momento, o evitar se envolver com as mazelas do outro, estes são motivos para Benjamin considerar que a narrativa, faculdade de trocar experiência, está fadada à extinção.

O homem de hoje não cultiva o que não pode ser abreviado. Com efeito, o homem conseguiu abreviar até a narrativa. Assistimos em nossos dias ao nascimento da *short story*, que se emancipou da tradição oral e não permite essa lenta superposição de camadas finas e translúcidas, que representa a melhor imagem do processo pelo qual a narrativa perfeita vem à luz do dia, como coroamento das várias camadas constituídas pelas narrações sucessivas (BENJAMIN, 1987, p. 206).

Fabricando as ferramentas na caixa

Dessa forma, certo exercício de *desaprendizagem* foi o primeiro a ganhar um espaço considerável em nossa caixa de ferramentas, pois as narrativas se tornavam um convite ao desaprendizado do nosso suposto saber. Logo percebemos que para seguir na pesquisa era preciso disparar processos de problematização e ressignificação de nossas certezas sobre o campo já sabido em cada um de nós. Era preciso desaprender o já sabido sobre os municípios pesquisados para poder olhar de novo, ver aquilo que jamais foi visto, recolher novas produções do mundo do trabalho e das redes vivas. Sustentar em ato uma pesquisa que tem como direção de trabalho uma avaliação compartilhada requer sustentar no cotidiano de nossas ações o reconhecimento de que não só o gestor fabrica redes, mas o trabalhador, o usuário e os espaços de produção de coletivos em funcionamento nos territórios.

O pesquisador foi provocado intensamente no exercício de desaprender, desapegar, desconstruir, problematizar e colocar em análise as marcas, os constructos cen-

trados e estabelecidos como verdades. A provocação ocorreu com o intuito de novo olhar-corpo-pesquisador, olhar que acompanhasse as nuances e detalhes do outro, os ditos no silêncio, as cargas das afecções, o que afrontasse o instituído e criasse novas e diferentes formas de estar no encontro com o outro. O processo de desaprender não ocorreu rapidamente e nem ao mesmo tempo com todos, porque o que se encontrava ensinado, em certa medida, dificultava o reconhecimento de outros arranjos, outras perspectivas (DELEUZE *et al.*, 2011). As reuniões semanais operaram como uma de nossas alteridades, onde cada pesquisador de cada campo relatava suas inquietudes, alegrias de bons encontros, dificuldades e desconfortos, ampliando o olhar aos movimentos do campo, na direção de desenhos que nos guiassem na produção de cuidado estabelecida nos encontros que estavam sendo produzidos em acontecimento, como um mapa das subjetividades desejanter.

Para desenhar os mapas das subjetividades desejanter, foi preciso fabricar ferramentas de pesquisa que nos auxiliassem a produzir dispositivos capazes de abrir espaços para a interrogação sobre o processo de produção do cuidado que experimentávamos e ao mesmo tempo, para a problematização e deslocamentos produzidos. Espaços analíticos que não se limitassem a recolher apenas a descrição, a constatação e afirmação do que já acontece. Esse tempo de construção no/do coletivo pesquisador nos ensinou que para olhar as tramas e significados da produção do cuidado das redes em movimento no interior das Instituições é preciso também olhar em nós como essa produção se atualiza e se presentifica.

Nesse exercício de desaprender, problematizar e colocar em análise nossas marcas, destacamos dois trechos das narrativas produzidas por dois pesquisadores que falam do que estamos chamando de construção do coletivo pesquisador:¹⁰

(...) Momento muito importante de reflexão! Pude acender um sinal de alerta de que não estava devidamente conectada com a pesquisa como achei inicialmente. Em um primeiro momento, acreditei que tudo, aparentemente, estava arrumado. Penso que o meu envolvimento intenso no PPSUS me dava uma acomodação para essa próxima pesquisa.(...)

(...) Mesmo tendo participado do 1º Seminário da pesquisa e de todas as conversas que tivemos na Linha, formais e informais, não me senti incomodada o suficiente para sair daquele estado de arrumação. Foi surpreendente perceber que participar do PPSUS facilita muito o entendimento em algumas questões na pesquisa. Entre elas destaco estar mais apropriada da metodologia e de alguns importantes conceitos. Porém, atrapalha em outros aspectos como estar completamente embaraçada com o tema da saúde mental, colocando-me numa posição paralisante diante as singularidades de outros temas.(...)

10 Alguns pesquisadores desse coletivo participaram de uma pesquisa anterior do PPSUS intitulada “ACESSIBILIDADE NA ATENÇÃO A CRISE NAS REDES SUBSTITUTIVAS DE CUIDADO EM SAÚDE MENTAL NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. No decorrer dos encontros foi possível perceber as marcas que essa pesquisa havia deixado em alguns dos pesquisadores. Aos poucos as diferenças entre as pesquisas foram percebidas e, conseqüentemente foi possível também entender o quanto os pesquisadores que estiveram a frente dessa pesquisa precisavam se despir deste pesquisador construído a partir do PPSUS.

Assim, foi possível como nos diz Réne Schérer (2005) *“Desembaraçar-se de tudo o que imobiliza, que sedentariza: palavra-refrão. Se há algo, antes de tudo, que aprendemos com ele, que dele guardamos, que é sua marca própria e sua luz, é exatamente esse apelo a reativar sem parar o movimento”*.

Nesse exercício de olhar em nós essa produção para poder olhar nos outros e nas redes encontramos outro conceito ferramenta, a noção de afecção espinoziana. Isto porque toda experiência de assistência, de gestão, assim como a da própria vida é uma experiência com as afecções da existência ou com isso que se produz a partir de nossa posição no mundo, como corpo em encontro com outros corpos que assim se afetam de modo alegre/triste, não em contraposição um com o outro, mas em processo de afetar-se. Reconhecer essas afecções em nós e nos encontros nas redes traz para a cena as produções de sentidos que se encontram em ação sobre o tratar, o cuidar e gerir. Sobre sentidos dos processos coletivos em ato e a forma como suas redes são fabricadas com vistas a produzir o cuidado em saúde.

Em conexão com o exercício de desaprendizagem e com a noção de afecção o próprio conceito de rede passou a ser explorado de outra forma. Houve um deslocamento do reconhecimento de uma rede somente a partir de seus fluxos e protocolos para o de sua fabricação como rede viva, mutável, dinâmica, imprevisível, em acontecimento, em ato a partir de cada encontro entre o trabalhador, os usuários e a gestão. A partir desse entendimento da rede como um espaço de produção de vida, o encontro da pesquisa nas redes produziu muitas zonas de visibilidade e dizibilidade da forma como essas redes operam muito antes da escolha mais formal de um caso/situação traçadora.

Outro conceito ferramenta que aos poucos foi ganhando força entre nós foi a própria noção de coletivo. A partir de nossos encontros, reflexões, idas às redes, o sentido do conceito de coletivo se transformava entre nós. Ganhou outros sentidos e se tornou um conceito ferramenta fundamental para a nossa ação. Paulatinamente começamos a operar a noção de coletivo como um espaço múltiplo que para ser potente precisa se abrir à inclusão das diferenças, dos diferentes e das tensões constitutivas do mundo do trabalho e da produção do cuidado. Aprendemos que coletivo não é sinônimo de grupo, de unidade, ou de homogeneidade. Ao contrário, devem rachar com toda tentativa de se fazer um. Coletivos devem sustentar o múltiplo, e, sendo assim, é um dispositivo importante na produção de redes vivas e quentes. **Surge aqui um primeiro elemento importante para se operar com pesquisas que se reconhecem In-munda, a capacidade das diferentes redes de produzirem dispositivos para ampliar a produção coletiva e assim conectar de formas mais potentes as linhas de cuidado.**

Nesses exercícios de desaprendizagens do coletivo fomos descobrindo também algumas “ferramentas-funções” que podem contribuir para os processos de análise das redes de cuidado. A ideia é que essas ferramentas auxiliem a operar no interior destas lógicas institucionais, tornando-as ruidosas, abrindo espaços para recolher as experiências que fazem também o trabalhador e o gestor pesquisador. Algumas dessas funções da/na rede ganharam força entre o nosso coletivo, entre elas destacamos a função dispositivo.

O encontro com os coletivos: a função dispositivo das redes

Uma das iniciativas do nosso grupo-local na direção de ampliação do coletivo de pesquisadores, foi o mapeamento político dos atores da Secretaria Municipal de Saúde que estávamos envolvidas e a Secretaria Estadual de Saúde, para posterior contato e convite para a participação da pesquisa, considerando que quando falamos de campo não estamos nos referindo somente a um espaço geográfico ou ao local de um serviço, mas a um território que além do seu espaço geográfico é lócus e passagem das relações micropolíticas tanto as interpessoais, marcadoras dos encontros, como as institucionais e de poder.

Essa reflexão no sentido de “definirmos para nós” o que seria o campo dessa pesquisa, uma pergunta importante para essa primeira configuração foi norteadora para esse debate: como entrar nas redes? – no sentido micropolítico rede é campo. Quanto mais discutíamos por onde, ou por qual aparelho para cada uma das redes que entraríamos “no campo da pesquisa” mais elas se dissipavam (se borravam umas com as outras) pois é impossível não se deparar com o cruzamento de muitas redes. Um signifiante que ganhou destaque e foi atravessando a nossa produção, foi a diversidade dos encontros que produzimos e a diversidade de sujeitos que estavam em produção.

Nesses encontros nas redes é preciso reconhecer a pluralidade. Conexões em rede onde o exercício de se aproximar, necessariamente convocam cada um a refletir sobre seus processos de trabalho e, conseqüentemente sobre o lugar que cada um ocupa na produção do cuidado. Para explicar este movimento tomamos emprestado o conceito foucaultiano de dispositivo, como “*demarcar um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações (...) o dito e o não dito são os elementos do dispositivo*” (FOUCAULT, 1979, p. 244). Como aquilo que engendra movimento produzindo novos sentidos e significações no cotidiano.

Pode-se entender um dispositivo como um conjunto de linhas, um novelo, composto de matizes e naturezas diferentes. Esse conjunto multireferencial, multivetorial, forma processos sempre em desequilíbrio, e essas linhas tanto se afastam quanto se aproximam uma das outras. Desemaranhar as linhas de um dispositivo é, em cada caso, traçar um mapa, cartografar, percorrer terras desconhecidas. Os dispositivos são como máquinas de fazer ver, de fazer falar o múltiplo, de trazer para cena o plural. São formadas de linhas de luz, linhas de fala, linhas de força que afetam e fazem afetar, abrindo novos enunciados, novas possibilidades de sentido e significação. Conhecer a capacidade das redes em se produzir como dispositivo possibilita verificar diferentes planos de exploração da fabricação das linhas de cuidado, uns mais procedimentos-centrados, outros usuários-centrados, outros gestores ou profissionais-centrados. Outros tantos atravessados por disputas que atualizam diferentes maneiras de operar essas linhas.

Uma consequência de explorar a capacidade que essas redes têm em operar enquanto um dispositivo é verificar aquilo que podemos chamar de potência para fabricação de redes quentes. Ou seja, redes em permanente mudança, construindo novas linhas de cuidado de acordo com a necessidade dos usuários, não como algo original, antes nunca visto, mas como criação, como re-invenção. Como possibilidade de criar

com o que já se tem, com as tecnologias de cuidado disponíveis, outros agenciamentos antes não pensados.

A (re)(des)construção dos objetos e dos pesquisadores... Os experimentos, as dobras... As implicações do pesquisar em coletivo

Tecer novos arranjos nesse processo de pesquisar, num movimento de construção ou constituição das redes de atenção à saúde, com foco nas diversas formas de produção de cuidado e de vida requer compreender coletivamente o trabalho em saúde e suas tensões, produzidos nos encontros. Tensão entre o trabalho vivo em ato que ocorre no exato momento da atividade produtiva e criativa, inscrito nas diversas relações, no mutável momento de seu encontro. E trabalho morto, expresso por meio dos instrumentos, normas e saberes, produzidos anteriormente e disponíveis para serem utilizados. Esse modo de fazer, previamente estruturado, pode “capturar” o trabalho vivo em ato de tal modo, que o trabalhador não exerça sua ação de maneira autônoma e criativa. Essa captura diminui as possibilidades de responder à singularidade de cada encontro e às necessidades de cada usuário. A tensão opera o tempo todo no cotidiano dos serviços, nos vários encontros: dos trabalhadores entre si e deles com os usuários e com gestores (MERHY *et al.*, 2003).

Olhar para as tessituras presentes no trabalho em saúde através dessas novas lentes permite aprofundar-se ainda em outra forma de tensão, a constante disputa entre os interesses de cada trabalhador e os interesses dos usuários, interferindo na definição da organização do processo de trabalho. Então, a produção do cuidado e da integralidade depende “da possibilidade de permeabilizar os espaços institucionais no interior dos serviços de saúde para neles atuar a força instituinte do usuário, mesmo não estando ele fisicamente ali” (MERHY *et al.*, 2003, p. 31). Dessa forma, se faz necessário enfrentar tais tensões constitutivas do trabalho em saúde cotidianamente, reconhecendo que a “saúde é um território de práticas em permanente estruturação, ontologicamente conflitante conforme os sujeitos colocados em cena” (MERHY *et al.*, 2003, p. 35).

O exercício de se experimentar em grupo e singularmente nesta dobra do perspectivismo e da implicação, tem possibilitado, ao grupo de pesquisadoras um reposicionamento de conceitos, reconstrução de outros e avanços importantes na construção de conhecimento sobre a constituição de redes dentro dos serviços. A produção de um campo de pesquisa que rompe com a dicotomia objeto/pesquisador, colocou em “destaque as micropolíticas imanentes” (RODRIGUES, 2011, p. 236) do processo de cuidar, deixando vir para a cena os acontecimentos ruidosos, repetitivos, silenciosos e/ou silenciados, presentes e constitutivos das conexões e arranjos produzidos entre os pesquisadores.

A experiência é ‘isso que me passa’ (LARROSA, 2011, p. 5) e vem para inquietar quem passa por ela, para além de suas representações, sentimentos, projetos o qual não depende do seu poder ou da sua vontade. Nesse sentido, como analisadores à luz da produção de conhecimento oriundo da experiência, do lócus da produção do cuidado, surge uma formação de grupo na mistura, produzida pelo pesquisador, trabalhador e usuário.

Construir um coletivo de pesquisadores-trabalhadores implicados e revestidos por essas reflexões e aprofundamentos requereu um esforço por parte de todos os envolvidos, pesquisadores, profissionais, gestores e usuários. Mudar as lentes para a construção de novos objetos e novas formas de olhar/pesquisar pressupôs a troca de ferramentas e a compreensão das multiplicidades existentes em cada um dos envolvidos.

Assim, está se configurando, pois estamos em processo de produção da investigação, uma produção intensa de conhecimento, entre os pesquisadores e por parte de quem faz o cotidiano acontecer, de quem está ligado ao processo de cuidar, pois é a prática o lugar da produção de conhecimento (MERHY, 2013). Na construção da investigação, buscamos ir para além da lógica do apreender *“o engendramento daquilo que, ao tornar-se ‘objeto’, se vê sujeitado às ações de outro e/ou outrem”* (RODRIGUES, 2011, p. 236) em suas diversas racionalidades, lógicas e sentidos. Partimos do entendimento de que o usuário não se encontra na condição de objeto e sim se localiza no lugar do protagonista do seu próprio modo de existir. Produz suas próprias conexões e modos de estar na vida.

Tais reflexões ganham corpo quando visualizamos um mundo da rede de cuidados pautado pela ideia de uma forte centralidade nas suas próprias lógicas de conhecimentos, tomando o outro que chega a este mundo – muitas vezes o usuário – como seu objeto de ação, como alguém desprovido de saberes, experiências. Nesse encontro só há espaço para reafirmar o já sabido, o saber que eu porto em relação ao outro, a maneira que o profissional da saúde considera ser a ‘correta’, discursando para aquele que nada sabe sobre qual é ‘a melhor forma de viver’. Esse encontro e sua assimetria não provêm do fato de não incluir a diferença, mas de transformar as diferenças em desigualdades de saberes e de formas de vidas, onde há uma propriedade exclusiva de certo saber de alguns em relação aos outros (MERHY, 2009).

Estamos partilhando os encontros com uma escuta e debate a partir dos micro-processos de cuidar, com muita negociação entre os serviços. Nesse sentido, o desafio de conhecer o usuário, identificando os equipamentos por onde transitou, bem como as suas conexões existenciais, ou seja, os vínculos, contatos que ele constrói além do serviço, ampliando o nosso interesse para elementos relativos ao modo de andar a vida, indo para além da lógica da clínica, nesta experimentação em ato no plano do cuidado é viver o nomadismo e o acontecimento no ato. Nesse exercício de olhar em nós essa produção para poder olhar nos outros e nas redes, encontramos conceitos-ferramentas, que nos auxiliam, como a noção de afecção espinoziana. Isto porque toda experiência de assistência, de gestão, assim como a da própria vida, é uma experiência com as afecções da existência ou com isso que se produz a partir de nossa posição no mundo, como corpo em encontro com outros corpos que assim se afetam de modo alegre ou triste.

Dessa forma, fez-se necessário um exercício constante para entender os diversos envolvidos, nessas novas formas de olhar e fazer, enquanto redes de existências, que produzem-se ‘em-mundos’, ‘in-mundizam-se’ (ABRAHÃO, 2014), constituindo certas formas éticas existenciais e certos modos de conduzir, por si, também a produção de cuidado, disputando o tempo inteiro com as outras diferentes lógicas de existir, em si, que lhes são o tempo todo impostas. Nesse sentido, teve-se uma dobra que operou

a todo instante, a partir de tensões constitutivas, que colocou todos nós em um processo de afecção e negociação.

Reconhecer essas afecções em nós e nos encontros nas redes traz para a cena as produções de sentidos que se encontram em ação sobre o tratar, o cuidar e o gerir. Sobre sentidos dos processos coletivos em ato e a forma como suas redes são fabricadas com vistas a produzir o cuidado em saúde. Em conexão com o exercício de desaprendizagem e com a noção de afecção, o próprio conceito de rede passou a ser explorado de outra forma, considerando a dimensão micropolítica das experiências cotidianas.

Trazer o micropolítico é trazer os lugares onde as existências furam os muros institucionais, conectando relações com o fora. É trazer o lugar dos processos de encontros, processos estes intensamente produtores de novos sentidos no viver e no conhecimento. É trazer a micropolítica do encontro e a produção viva das redes de conexões existenciais, multiplicidades em agenciamento (MERHY *et al.*, 2014).

Há um deslocamento do reconhecimento de uma rede somente a partir de seus fluxos e protocolos para o de sua fabricação como rede viva, mutável, dinâmica, imprevisível, em acontecimento, em ato, a partir de cada encontro entre o trabalhador, os usuários e a gestão. A partir desse entendimento da rede como um espaço de produção de vida, o encontro da pesquisa nas redes vem produzindo muitas zonas de visibilidade e dizibilidade da forma como essas redes operam.

Enxergar tais redes, na sua micropolítica, funcionando sob uma certa hegemonia do trabalho vivo, vem nos revelar um mundo extremamente rico, dinâmico, criativo, não estruturado e de alta possibilidade inventiva. O trabalho vivo, como dispositivo de formação de fluxos-conectivos, faz uma cartografia no interior dos processos de trabalho, como o desenho de um mapa aberto, com muitas conexões, que transitam por territórios diversos, assume características de multiplicidade e heterogeneidade, sendo capaz de operar em alto grau de criatividade. O trabalho vivo sofre processos de captura pela normativa que hegemoniza o funcionamento do serviço de saúde, mas, ao mesmo tempo, sua capacidade rizomática de abrir linhas de fuga e trabalhar com lógicas muito próprias, que são do próprio sujeito que opera o sistema produtivo, é capaz de encontrar novos territórios de significações, que dão sentido para a produção do cuidado (FRANCO, 2013).

O trabalho vivo para além dos processos normativos revela movimentos para produzir o cuidado em casos que eram de “fracasso” para casos de “sucesso”. E como isso acontece? Acontece no cotidiano do trabalho das equipes, na medida em que para desvelar a “caixa preta do outro” é preciso conhecer a sua história para que o cuidado seja mais palpável, mais concreto e possível.

Essa forma de descortinar as redes e (re)conhecê-la tem alterado nosso modo de construir e costurar os conhecimentos sobre as formas de produção do indivíduo/coletivo em si, e sobre as formas de se produzir cuidado, refletido na construção de estudos (MERHY *et al.*, 2014) que temos realizado, de modo compartilhado, com os protagonistas – diferentes indivíduos e grupos – dos processos de cuidado no campo da saúde.

Deixar-se guiar pelo outro e aprofundar-se na micropolítica dos encontros faz com que também nos tornemos pesquisadores ‘in-mundo’ (ABRAHÃO, 2013), num

percurso investigativo onde abrimo-nos às nossas próprias narratividades disparadas pelas afecções que o campo de estudo agencia em nós.

Apontando perspectivas

Este movimento de produção de conhecimento in-mundo nos convoca a partilhar os encontros com uma escuta e debate a partir dos microprocessos de cuidar, com muita negociação entre os serviços. Nesse sentido, o desafio de conhecer o usuário, identificando os equipamentos por onde transitou, bem como as suas conexões existenciais, ou seja, os vínculos, contatos que ele constrói além do serviço, ampliando o nosso interesse para elementos relativos ao modo de andar a vida, indo para além da lógica da clínica, nesta experimentação em ato no plano do cuidado é viver o nomadismo e o acontecimento no ato. Nesse exercício de olhar em nós essa produção para poder olhar nos outros e nas redes encontramos conceitos-ferramentas, que nos auxiliam, como a noção de afecção espinozana. Isto porque toda experiência de assistência, de gestão, assim como a da própria vida é uma experiência com as afecções da existência ou com isso que se produz a partir de nossa posição no mundo, como corpo em encontro com outros corpos que assim se afetam de modo alegre ou triste. Reconhecer essas afecções em nós e nos encontros nas redes traz para a cena as produções de sentidos que se encontram em ação sobre o tratar, o cuidar e gerir. Sobre sentidos dos processos coletivos em ato e a forma como suas redes são fabricadas com vistas a produzir o cuidado em saúde. Em conexão com o exercício de desaprendizagem e com a noção de afecção o próprio conceito de rede passou a ser explorado de outra forma. Há um deslocamento do reconhecimento de uma rede somente a partir de seus fluxos e protocolos para o de sua fabricação como rede viva, mutável, dinâmica, imprevisível, em acontecimento, em ato a partir de cada encontro entre o trabalhador, os usuários e a gestão. A partir desse entendimento da rede como um espaço de produção de vida, o encontro da pesquisa nas redes vem produzindo muitas zonas de visibilidade e dizibilidade da forma como essas redes operam.

Referências Bibliográficas

ABRAHÃO, A. L.; MERHY, E. E.; CHAGAS, M. S.; GOMES, M. P. C.; SILVA, E.; VIANNA, L. “O pesquisador in-mundo e o processo de produção de outras formas de investigação em saúde”. **Lugar Comum** (UFRJ), v. 39, p. 133-144, 2013.

BENJAMIN, W. **Obras escolhidas-Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense. 3ª ed., 1987.

CABRAL, M. J. *et al.* “Apresentação e Abertura”. In: FERNANDES, I.; CABRAL, M. J.; CASAL, T.; CORREIA, A.; ALMEIDA, D. (Orgs.). **Contar (com) a Medicina**. Lisboa: Edições Pedagogo Ltda. e Centro de Estudos Anglisticos da Universidade de Lisboa; 2015.

DELEUZE, G., GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. 2ª Ed. São Paulo: Ed. 34, 2011. Vol. 1.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Kafka para uma literatura menor**. Lisboa: Assírio e Alvim: 2003.

- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. "O que é conceito?" *In: O que é filosofia?* São Paulo: Ed. 34, 1982. p. 27 – 28.
- DELEUZE, Gilles, **Logique du Sens**, Paris: Minuit, 1969.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 9ª Ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- FRANCO, T. B. "As redes na micropolítica do processo de trabalho em saúde". *In: FRANCO, T. B.; MERHY, E. E. (Orgs.). Trabalho, produção do cuidado e subjetividade em saúde: textos reunidos*. São Paulo: Hucitec, 2013. 1ª ed. p. 226-242.
- GOMES, M. P. C.; MERHY, E. E. (Orgs.). **Pesquisadores In-Mundo: Um estudo da produção do acesso e barreira em Saúde Mental**. Porto Alegre: Editora Rede Unida, 2014.
- GROSSMAN, E.; CARDOSO, M. H. C. A. "As narrativas em medicina: contribuições à prática clínica e ao ensino médico". Rio de Janeiro: **Revista Brasileira de Educação Médica**, 2006; 30(1):6-14.
- LARROSA, J. "Experiência e alteridade em educação". *Rev. Reflexão e Ação*, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 2, p. 04-27, jul/dez 2011.
- MERHY, E. E.; GOMES, M. P. C.; SILVA, E.; SANTOS, M. F. L.; CRUZ, K. T.; FRANCO, T. B. "Redes Vivas: multiplicidades girando as existências, sinais da rua. Implicações para a produção do cuidado e a produção do conhecimento em saúde". **Divulgação em Saúde para Debate**. Rio de Janeiro, n. 52, p. 153-164, out. 2014.
- MERHY, E. E. **As práticas de cuidado na saúde**. Vídeo, Encontro regional Sul da Rede Unida, de 2015.
- MERHY, E. E.; GOMES, M. P. C.; SILVA, E.; SANTOS, M. F. L.; CRUZ, K. T.; FRANCO, T. B. "Redes Vivas: multiplicidades girando as existências, sinais da rua. Implicações para a produção do cuidado e a produção do conhecimento em saúde". Rio de Janeiro: **Divulgação em Saúde para Debate/Fiocruz**, n. 52, p. 153-164, out. 2014.
- MERHY, E. E.; MAGALHÃES JÚNIOR, H. M.; RIMOLI, J.; FRANCO, T. B.; BUENO, W. S. (Orgs.). **O trabalho em saúde: olhando e experienciando o SUS no cotidiano**. São Paulo: Editora Hucitec; 2003.
- MONCEAU, G. "Implicação, Sobreimplicação e Implicação Profissional". Rio de Janeiro: **Fractal Revista de Psicologia/UFF**, v.20, n.1, p.19-26, Jan-Jun, 2008.
- RODRIGUES, H. B. C. "Intercessores e narrativas. Por uma dessujeição metodológica em pesquisa social". São João Del Rei: **Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais/UFSJ**, v. 6(2), p. 234-242, 2011.
- SCHÉRER, R. "Aprender com Deleuze". Campinas: **Revista Educação e Sociedade/Unicamp**, vol. 26, n. 93, p. 1183-1194, Set./Dez. 2005.
- SERPA JUNIOR, O.; CAMPOS, R. O.; MALAJOVICH, N.; PITTA, A. M.; DIAZ, A. G.; DAHL, C.; LEAL, E. "Experiência, narrativa e conhecimento: a perspectiva do psiquiatra e a do usuário". Rio de Janeiro: **Physis**, 2014; 24(4):1053-1077.
- SERRES, M. "Criar". *In: SERRES, M. Filosofia Mestiça*. (Trad. Mª Ignez Duque Estrada). Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, p. 9-44, 1993.
- VIVEIROS DE CASTRO, E. "Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena". *In: VIVEIROS DE CASTRO, E. A inconstância da alma selvagem*. São Paulo: Cosac Naify, 2002. p. 345-399.